



**IDENTIDADE JUDAICA E DANÇA ISRAELITA: BUSCANDO
ESTREITAMENTO DE RELAÇÕES ENTRE JUDEUS DA DIÁSPORA E
ISRAEL**

Fernando Davidovitsch

RESUMO

A dança israelita é uma expressão cultural que se proliferou, e ainda se prolifera, através da atuação de uma rede de comunicação colaborativa entre comunidades judaicas das mais distintas regiões. Historicamente podemos identificar nesta situação aspectos advindos do ideal sionista, que buscava uma rede solidária entre as mais diversas populações judias da diáspora, que se uniam por uma causa: levantar um estado judaico, Israel. Este ideal de ter uma terra soberana aos judeus cunha de um ato de resistência que visava garantir a sobrevivência do povo israelita e de sua cultura, que por milhares de anos sofreu perseguições e isolamentos sociais por serem caracterizados como forasteiros em meio a outras civilizações e nações em que viviam. No caso da dança israelita, neste intercâmbio de comunicação entre comunidades judaicas dos mais variados lugares, podemos reconhecer ainda rastros do ideal sionista, visto que a associação entre Israel e judaísmo é hoje o maior ponto de referência para que um judeu consiga identificar-se dentro de sua identidade étnico-cultural judaica.

Palavras-Chave: Dança israelita. Identidade judaica. Israel.

Introdução

Identidade judaica é um assunto bastante complicado de tratar, dado o longo período de dispersão que os judeus em meio aos outros povos viveram por mais de vinte séculos. A diáspora judaica iniciada em 586 A.C. com a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, que carregou para a Babilônia grande parte da população da cidade destruída, ainda hoje predomina, mesmo que já exista oficialmente o estado de Israel (decretado pela ONU em 14 de maio de 1948). Desde então, os judeus passaram a conviver em meio a outros povos e, como não poderia deixar de ser, afetações aconteceram nos hábitos culturais destas comunidades judias da diáspora.

Durante muitos séculos, os judeus foram perseguidos por serem considerados um povo forasteiro (com diferenciações religiosas, alimentares, linguísticas...) no lugar onde



estavam habitando e, por isso, em muitos casos, isolados do resto da sociedade. A assimilação cultural dos judeus começou a acontecer com maior intensidade a partir da Revolução Francesa, a qual se caracterizava pela defesa dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Este ideário, que se alastrou pelo pensamento da sociedade ocidental, foi acarretando, paulatinamente, na emancipação civil dos judeus, tirando-os da condição de isolamento em muitas sociedades das quais eles faziam parte. Neste período pós Revolução Francesa, diante do ocorrente processo cultural assimilatório, derivado da possibilidade dos judeus terem seus modos de vida comuns aos concidadãos dos países onde estavam residindo (mais especificamente as dos países europeus), a religião judaica perde força e intensidade. Como a religião era um dos parâmetros mais fortes para a identificação da cultura judaica, e ela mesma passou a não ser mais tão praticada por grande parte dos judeus assimilados, o que, a partir de então, possibilitaria que identificássemos um judeu como tal?

Os meios judaicos tradicionais estabeleceram como condição que é reconhecido como judeu aquele que nasceu de mãe judia, ou que se converteu ao judaísmo, conforme os preceitos religiosos. Porém isto não soluciona o problema da questão levantada, visto que o fato da hereditariedade não é suficiente para sustentar os aspectos culturais e identitários de uma determinada etnia. Os judeus hoje constituem um povo que possui uma diversidade cultural enorme, devido às várias comunidades dispersas pelo mundo, não se caracterizando como um grupo que habita o mesmo território, integrando a mesma economia e, tampouco, falando a mesma língua (o hebraico, ainda que seja utilizado nas rezas, não é uma língua que a maioria dos judeus da diáspora têm domínio e fluência). Apresenta diferenciações culturais e fisionômicas praticamente tão grandes quanto às encontradas nas populações espalhadas no mundo

A ideia trabalhada neste artigo é de que o estado de Israel se tornou um ponto forte de referência para que os judeus, não mais identificados com a religião do judaísmo, ainda sintam-se pertencentes a uma identidade étnica judaica. A dança israelita, que carrega informações culturais relativas a esse território (música, língua hebraica e passos técnicos de dança, por exemplo), contribui para a identificação de um judeu da diáspora para com a sua identidade judaica, visto que ela fortalece o vínculo entre este e o estado de Israel.



O movimento sionista e a construção do estado de Israel: o surgimento de uma nova referência para a identidade judaica

Não há como falar no judaísmo sem falar de Israel. Desde o surgimento do judaísmo, a terra de Israel sempre foi a referência para a base de toda a cultura dos judeus. No decorrer de toda a história judaica (que está no quinquagésimo oitavo século), uma boa parte deste tempo caracterizou-se pela dispersão dos judeus por diversas partes do mundo. Porém, os judeus procuraram manter (de diferentes maneiras, em variados períodos históricos, em distintos contextos sociais) seus laços com o território de Israel, dada a referência religiosa, política e cultural que este sempre representou para eles.

Alguns autores ressaltam que a religião foi um forte elemento de sustentação para a sobrevivência dos judeus como comunidade. Eles defendem a ideia de que a religião do judaísmo ofereceu para a cultura judaica elementos peculiares, que possibilitou a diferenciação do povo judeu em relação aos demais povos e permitiu uma maior identificação entre os integrantes desta comunidade. Assim como colocado por Klatzkin (1970, p.78;82;89):

A força dessa nossa religião, que estabeleceu *fórmulas* em nossas vidas, em toda sua extensão e em toda a sua profundidade, no particular e no universal, dentro de casa e na rua a fora, desde o mais íntimo e modesto da vida conjugal até o mais público [...]. Em suma: subsistimos na galut¹ como uma nação, somente por força de nossa religião, por força de seu grande conteúdo e suas múltiplas fórmulas.[...] Só as restrições da religião poderiam individuar-nos nacionalmente, despojados do que naturalmente individua uma nação, só os braços da religião poderiam abarcar todos os longínquos exilados de Israel e uni-los onde quer que estejam dispersos.

A religião, desta maneira, contribuiu para que os judeus, em meio a outros povos, desenvolvessem formas diferenciadas em relação aos hábitos cotidianos e comportamentos sociais, facilitando um reconhecimento identitário entre as pessoas de uma mesma colônia. A prática dos hábitos judaico-religiosos, além de contribuir para um maior autorreconhecimento entre integrantes de uma mesma comunidade judaica, também propiciou durante séculos a relação de vínculo entre judeus e Israel. A religião judaica está fundamentada na história de Israel, várias rezas são realizadas em sua homenagem e, em muitos casos, aquele que a executa tem que virar-se na direção onde

¹Galut: exílio, diáspora



Jerusalém está localizada. Neste aspecto, a terra de Israel tem para a religião judaica (e para quem a pratica) um significado histórico-simbólico-religioso.

Indiscutivelmente, a religião foi (e ainda é, em certo grau) uma grande influência para o fortalecimento dos judeus como comunidade e, também, para a relação deles com a terra de Israel. Contudo, na evolução das diversas sociedades do mundo, os processos de assimilações culturais que há muito já ocorriam se intensificaram, principalmente nas sociedades onde os judeus passaram a ser aceitos, obtendo os mesmos direitos civis que seus concidadãos das regiões onde estavam vivendo. Esta emancipação dos judeus ocorreu com grande intensidade no período da Revolução Francesa, cujos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade fizeram com que muitas sociedades ocidentais mudassem sua postura para com as comunidades judaicas residentes, então, em países da Europa (Ocidental, principalmente). Isto acabou aproximando os modos de vida entre judeus e não judeus, o que, gradativamente, acarretou uma diminuição da prática religiosa judaica destas comunidades da diáspora. Em muitos casos, o envolvimento com o modo de vida local sobrepôs-se ao modo de vida judaico. Sobre este fato, Malamud (1983, p.202;205) coloca que:

O processo assimilatório registrou altos e baixos justamente no período da emancipação, quando a situação nos países de dispersão se estava tornando mais segura, em virtude dos reinantes princípios de liberdade e igualdade para todos, que permitiram aos judeus participar da vida cotidiana dos países em que viviam. O lema do movimento iluminista de “ser judeu em casa e cidadão na rua” teve enorme aceitação no meio intelectual judaico.

[...]. Mas a fé religiosa, em que o povo judeu encontrou durante longos séculos o forte apoio para a sua sobrevivência, está perdendo, cada vez mais, o seu poder catalisador. Na verdade todas as religiões tradicionais estão perdendo a sua influência no mundo de hoje. A religião judaica desempenhou uma importante missão nacional, cultivando através de suas preces o amor a Eretz Israel (Terra de Israel) e dedicação a Sion. Não se tratava, apenas de um culto a Deus. A religião inspirou durante a longa dispersão o sentido e a razão da existência do povo e de sua continuidade. A contar do período do iluminismo começou a religião judaica a perder a sua posição dominante na vida do povo. Hoje a sua influência é limitada a uma minoria, mesmo depois de haver sofrido modificações no seu conteúdo e na sua prática, por parte daqueles que buscam adaptá-la à vida moderna, libertando-a dos rígidos conceitos ortodoxos.

Os judeus, cidadãos da sociedade moderna capitalista, não tinham mais tanto envolvimento com o judaísmo enquanto religião. Mas, ainda assim, preocupavam-se com a manutenção e sobrevivência de seu povo e de sua cultura. Surge, então, no final do séc. XIX, um movimento que iria se tornar o elemento unificador entre os judeus de todo o mundo: o Movimento Sionista (o termo *Sião* é referente à parte Sul de uma colina onde



Salomão, filho do Rei David, construiu o primeiro templo dos judeus, em 1000 a.C.). A ideia do sionismo consistia no desejo de tornar Israel um estado soberano dos judeus, visto que os mesmos, por estarem dispersos por entre outras civilizações, como um povo sem pátria, estavam sendo alvo de muitas discriminações e perseguições. A situação dos judeus estava crítica em diversas sociedades nas quais eles estavam espalhados, principalmente na Rússia em que, sob o governo dos czares, violentos ataques (os *pogroms*²) foram realizados contra a população judaica da região.

Na Europa, mesmo que os ideais de liberdade e igualdade tivessem sido politicamente instituídos, o sentimento de antissemitismo continuava a existir. Theodor Herzl, judeu de Budapest, jornalista e escritor, que vivia na França, ao perceber que o antissemitismo se encontrava num grau exacerbado e que a situação dos judeus estava se tornando insuportável (fato evidenciado no caso *Dreyfus*³, que lhe chamou muito a atenção), tomou frente como grande líder do movimento, que viria a ser chamado de movimento sionista. Escreveu, então, no final de 1896 e início de 1897, a obra *O Estado Judeu* (publicada simultaneamente em alemão, inglês e francês).

Nesta obra estão descritas as circunstâncias do antissemitismo, das quais os judeus estavam sendo vítimas e, devido à evidente necessidade da existência de um Estado onde eles pudessem viver livres e soberanamente, formulou-se estratégias para a sua construção, que requisitaria uma atuação coletiva da população judaica espalhada pelo mundo. Esta obra carrega todo o ideário do movimento sionista. Uma das ideias centrais do sionismo era que os judeus emigrassem dos seus países onde estavam morando e viessem habitar e ajudar na construção do Estado de Israel. Este movimento passou a ser, desta maneira, o grande elo entre judeus e Israel, funcionando, assim, como uma referência importante para que os judeus se identificassem como um povo, o qual partilhava uma história e que estavam unidos por uma mesma causa.

As condições para imigração eram muito complicadas e pouco seguras aos que se aventuravam a pôr em prática a ação sionista, uma vez que: a vegetação de grande

²*Pogroms* são ataques violentos aos judeus, que resultam em destruição de casas, negócios e sinagogas. Estes *pogroms* ocorreram de forma bastante intensa na Rússia, no final do séc. XIX e início do XX, acarretando uma emigração maciça de judeus a outros países, inclusive Israel.

³O *Caso Dreyfus* foi um escândalo político, ocorrido no final do séc XIX, na França, que condenava Alfred Dreyfus, judeu, oficial de artilharia do exército francês, por traição. O processo contra Dreyfus era fraudulento e baseava-se em documentos falsos. Quando os oficiais da alta patente perceberam a fraude, tentaram ocultá-la. A onda de nacionalismo e xenofobia, que invadiu a Europa no final do séc. XIX, contribuiu para que a farsa fosse acobertada.



parte do território de Israel era pântano (que gerou muitas mortes por malária), com solo não propício à produção agrícola; os perigos da jornada para aquela região resultavam em algumas mortes no caminho; algumas vilas árabes vizinhas realizavam ataques contra os assentamentos judaicos construídos. Muitos judeus preferiram, então, continuar vivendo onde já estavam, mas, mesmo assim, a ideia do sionismo tomou tamanha proporção, que até estes que não emigraram para Israel se envolveram com a causa realizando contribuições para a construção deste novo Estado. Estas contribuições, muitas, vieram de auxílios filantrópicos de judeus ricos (como, por exemplo, o barão Edmond de Rothschild e Hayym Amzalak) e de instituições financeiras judaicas, como o Fundo Nacional Judaico⁴, vinculadas à Organização Sionista Mundial⁵ (organização fundada por Herzl). O Fundo Nacional Judaico envolvia a participação voluntária de judeus das mais diversas classes sociais do mundo todo e tinha como foco principal a compra de terras em Israel.

Toda esta estrutura organizativa que o movimento sionista estava conquistando era oriunda de decisões realizadas nos congressos sionistas mundiais⁶, organizados por Theodor Herzl e outros judeus que o apoiavam, dentre os quais Max Nordau (médico e ativista sionista que foi cofundador da Organização Sionista Mundial e vice-presidente do Congresso Sionista) é o nome de maior destaque.

Com esta condição infraestrutural facilitada pela contribuição dos filantropos e do Fundo Nacional Judaico, mais grupos da diáspora passaram a migrar para Israel (processo este comumente conhecido como *Aliá*⁷), construindo, assim, mais assentamentos. O funcionamento destes assentamentos seguia o centro de pensamento sionista, cujas ideias embasavam-se em conceitos socialistas de sociedades cooperativas, onde não haveria proprietários nem administradores e os lucros gerados pelos empreendimentos coletivos seriam divididos igualmente entre todos os trabalhadores. Estes assentamentos, conhecidos pela denominação de *kibutz*⁸ (*kibutzim*, no plural),

⁴O Fundo Nacional Judaico foi estabelecido no Quinto Congresso Sionista, em 29 de dezembro de 1901, em Basle, para a compra de terras em Israel. O dinheiro para o fundo era coletado entre judeus da diáspora. Foi declarado no congresso que “o Fundo Nacional Judaico será de posse eterna do povo judeu”.

⁵A Organização Sionista Mundial foi criada durante o Primeiro Congresso Sionista Mundial, em 3 de setembro de 1897, na região da Basiléia (Suíça), e servia como frente organizativa do movimento sionista.

⁶O Congresso Sionista Mundial era uma reunião democrática que envolvia judeus de todo o mundo. O seu objetivo era construir uma infraestrutura para o retorno dos judeus à terra de Israel. Este congresso ainda hoje acontece (a cada quatro ou cinco anos) na cidade de Jerusalém.

⁷*Aliá* – Significa ascensão. Retorno à Israel.

⁸*Kibutz* - aldeia coletiva, grande fazenda coletiva, comunidade.



realizavam sua subsistência a partir do trabalho do cultivo de terra, produzindo produtos (como frutas cítricas, vinhos, trigo e outros) para o mercado. Os membros de um *kibutz* não deveriam possuir nada além de seus objetos pessoais, e todo o dinheiro ganho era colocado em um pote comum para suprir as necessidades de todos (inclusive de alimentação e de educação para seus filhos). Com o sucesso da experiência dos *kibutzim*, este tipo de assentamento começou a se proliferar pelo território de Israel, através de numerosas migrações que passaram a acontecer. Não havia mais ano que se passasse e que não fosse construído algum assentamento judeu (GILBERT, 2010, p.46).

Através do Fundo Nacional Judaico e da ação filantrópica de alguns judeus ricos, as condições para constituição de Israel como estado passaram a ser mais propícias, visto que, além de assentamentos, estavam sendo construídos em terras compradas hospitais judaicos, escolas e universidades.

Sendo assim, passou-se também a se pensar qual língua oficial iria integrar este novo lar judaico que estava se formando, pois os habitantes judeus de lá não falavam a mesma língua, dado que todos eram imigrantes de regiões diversas. No Décimo Primeiro Congresso Sionista, em 1913, definiu-se o hebraico como o idioma oficial para os judeus do território de Israel. Esta defesa para que se introduzisse a língua hebraica como o idioma falado em Israel foi levada para o Décimo Primeiro Congresso Sionista por uma comissão, que há tempos já alimentava esta ideia. Eliezer Ben-Yehuda e um pequeno número de amigos, ainda no final do séc.XIX, haviam formado um grupo, cujo objetivo era de difundir a língua hebraica entre pessoas judias de todas as classes. O grupo elegeu uma comissão, que se dedicou a estabelecer termos hebraicos para palavras modernas que estavam sendo bastante usadas e a criar um sistema uniforme de pronúncia, pois os imigrantes as pronunciavam de modos diferentes, de acordo com suas terras natais. Posteriormente, em 1901, um judeu que vivia em Londres, Ezekiel Wortsmann, em seu panfleto *O que os sionistas querem?*, expressou que não bastava ressuscitar um povo em Israel, mas que era essencial ressuscitar o idioma nacional (hebraico).

Em 1903, Menachem Ussishkin, judeu russo, viajou para Israel e realizou uma grande convenção em Zichron Yaakov, onde, também, enfatizou a defesa do hebraico como idioma oficial dos judeus em seu novo lar. As escolas judaicas de Israel, então, introduziram o hebraico em seu currículo e, posteriormente, as comunidades judaicas da diáspora também assim o fizeram em suas escolas.



O crescimento demográfico da população judaica em Israel e a proliferação de assentamentos naquela região gerou um clima de inimizade entre árabes e judeus. Assim, como descreve Gilbert (2010, p.41):

O imperativo sionista do trabalho judeu levaria, com o passar dos anos, a um ressentimento cada vez maior dos árabes, pelo fato de a área de terra comprada estar aumentando. Se os judeus não comprassem terras, não haveria lugar para o crescente número de imigrantes, mas, a cada compra e a cada assentamento judeu, exacerbava-se a hostilidade dos árabes.

Os árabes eram contra o projeto sionista, que visava a criação de um Estado judaico naquela região e, por isso, realizaram, por diversas vezes, ataques às vilas e assentamentos judaicos que haviam sido construídos então. Neste período, a região de Israel fazia parte do Império Otomano, estando sob o domínio dos turcos. Portanto, o movimento sionista através de contratos estabelecidos com o governo otomano, foi aos poucos efetivando compra de terras, através do financiamento de filantropos judeus e do Fundo Nacional Judaico.

Durante o governo otomano, os árabes haviam começado a ter bastante voz política, colocando em prática um movimento antissionista. Em 1914, dois árabes de Jerusalém foram eleitos para o Parlamento otomano em Constantinopla e lá eles mantiveram uma plataforma antissionista, que exigia o fim da imigração judaica. Sendo assim, naquele mesmo ano, o governo turco estabeleceu medidas estritas para impedir a imigração judaica em Israel. Segundo Gilbert (2010, p.46), “Não era a primeira vez que os judeus sofriam restrições, mas aquela era a mais severa”.

Estourando a Primeira Guerra Mundial, a Turquia ficou do lado da Alemanha e Áustria-Hungria. Assim, Grã-Bretanha, França e Rússia se tornaram suas adversárias. Desta maneira, depois dos judeus terem sido expulsos de Jerusalém e de Jafa pelos turcos, na Páscoa de 1917, o movimento sionista se uniu ao governo britânico oferecendo-lhe apoio. Nesta relação de aliança entre ambos, o governo britânico consentiu que aos judeus fosse concedido na região de Israel, não exatamente um “Estado Judaico”, conforme almejavam os sionistas, mas um “lar nacional judaico”.

O Império Otomano foi derrotado na Primeira Guerra Mundial pelos britânicos, e Israel deixou, assim, de ficar sob o controle dos turcos. A promessa do estabelecimento de um lar nacional judaico em Israel foi, então, oficializada através de uma carta de Arthur James Balfour (1848-1930), político e estadista britânico, datada de 2 de novembro de



1917, para o Lord Rothschild, fato este conhecido como a *Declaração Balfour*. Havia sido, assim, assegurado que Israel serviria como um lar nacional judaico, mas não como um Estado soberano.

Em 1939, porém, devido à pressão árabe que não queria a imigração judia na região, a Grã-Bretanha estabeleceu uma lei no chamado *Livro Branco de MacDonal*d, que decretava que, no máximo, 75.000 judeus teriam direito a imigração em Israel dentro do período dos cinco anos seguintes. Esta época, entretanto, coincidiu com o período em que ocorria a Segunda Guerra Mundial, na qual a Alemanha, sob a liderança de Adolf Hitler, líder ditador do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores (conhecido como Partido Nazista), investiu no extermínio de grupos minoritários que não se enquadravam na teoria da raça ariana⁹, minorias estas que incluíam os judeus. Este extermínio resultou no grande Holocausto¹⁰, no qual os judeus foram vítimas (mais de 6.700.000 mortos). Sendo assim, o decreto do *Livro Branco* dificultou muito a entrada das pessoas judias que vinham para Israel fugidas do nazismo na Europa.

Terminada a Segunda Guerra Mundial e derrotada a Alemanha nazista, depois da atrocidade que a população judia sofreu no Holocausto, a Organização das Nações Unidas (ONU) concordou com a necessidade da urgência do estabelecimento de um Estado Judeu (que solucionaria o problema deste povo sem lar). Desta maneira, no dia 14 de maio de 1948, a ONU reconheceu Israel como Estado judeu soberano. Decisão esta que contrariava a vontade dos árabes de lá e que resultou nos vários conflitos que até atualmente continuam a acontecer.

Hoje, mesmo existindo o estado de Israel, a maior parte dos judeus está espalhada por diversos outros países. Mas, mesmo que em Israel não se encontre a maior quantidade populacional judaica, ele, ainda assim, é o país que comporta o maior número de judeus por metro quadrado e é o grande centro judaico-cultural-religioso (exercendo uma grande influência no judaísmo mundial) (SAPOLNIK, 1969).

⁹Raça ariana é um conceito que etnólogos do séc.XIX propuseram, defendendo a ideia de que todos os povos da etnia branca-caucasiana eram descendentes do povo ariano. Esta teoria foi tratada com maior ênfase pelo Partido Nazista, na Alemanha, que associou o conceito da identidade nacional à raça ariana, germânica, com a finalidade de elevar o moral do povo alemão, humilhados depois da derrota na Primeira Guerra Mundial.

¹⁰O significado da palavra *holocausto* é “sacrifício pelo fogo” (origem grega). Seu uso hoje se refere à perseguição e extermínio sistemáticos que os judeus sofreram durante o Nazismo na Segunda Guerra Mundial.



Desde a mobilização sionista, Israel passou a ser um foco de importância para os judeus da diáspora. Em meio a sociedades nas quais os judeus puderam (e têm podido) viver livremente, gozando da igualdade de direitos como qualquer cidadão e usufruindo de todas as regalias sem qualquer distinção, o crescente processo assimilatório fez com que a religião judaica perdesse a força para sustentar o sentimento de povo. Desta forma, Israel passou a carregar uma representação simbólica, que serve como referência para a identidade étnico-cultural dos judeus da diáspora. Realidade esta hoje predominante. Quanto a isso, Sachar (1989, p.716), ao abordar o comportamento sócio-cultural-religioso da comunidade judaica americana, explana que:

A nova identidade poderia ser mantida, por um lado, sem a devoção só de boca para fora a uma religião já privada de atração, numa sociedade materialista; e, por outro, sem apelar para o sentimentalismo dos judeus americanos, que já abandonavam seus costumes do leste europeu. Somente o sionismo, então, estava equipado para preencher o vazio cultural dos judeus, com uma lealdade tanto sólida quanto secularmente étnica. Como a grande maioria dos judeus iria certamente permanecer na diáspora, somente uma ideologia que reconhecesse seu caráter essencialmente étnico os protegeria da desintegração social.

A existência de um estado para um determinado povo oferece condições para uma consolidação cultural do mesmo, dado que fornecerá uma maior quantidade de signos e símbolos, que propiciarão uma identificação entre os sujeitos deste grupo. Como coloca Ortiz (1996, p.81)

A unificação linguística, assim como a invenção de símbolos, são aspectos fundamentais na elaboração das nacionalidades. As festas cívicas, os desfiles pátrios, a bandeira, o hino e os heróis nacionais, cultuados nas escolas primárias, são o cimento dessa nova solidariedade. Este é o contexto no qual se forja a identidade nacional, imagem na qual se auto-reconhecem os membros de uma mesma “comunidade”.

Hoje, judeus de comunidades judaicas de diferentes partes do mundo se reconhecem e se identificam através de alguns aspectos comuns, que estão relacionados com o estado de Israel, como, por exemplo: utilização das mesmas palavras em Hebraico nos dialetos de variadas comunidades judaicas (tais como: os termos *harkadá*¹¹, *aliá*¹²,

¹¹ Bailes de danças circulares israelitas

¹² Processo de imigração do judeu da diáspora ao território de Israel.



*rosh hashaná*¹³, *tnuá*¹⁴, *madrich*¹⁵, *chanich*¹⁶, *lehakat*¹⁷, e muitos outros); o ato de praticar da dança israelita; as comemorações, celebradas por variadas comunidades judaicas da diáspora, referentes a algumas datas marcantes na história política de Israel (como, por exemplo, o Dia da Independência – 14 de maio); o canto do hino de Israel em eventos promovidos por diversas comunidades judaicas do mundo.

Hemsi (2002), ao abordar o autorreconhecimento identitário de pessoas de um meio judaico laico, da cidade de São Paulo, salienta que o Estado de Israel para este grupo cultural carrega a ideia de pertencimento, visto que o mesmo existe hoje politicamente como um território único para todo judeu de qualquer lugar da diáspora. Esta referência para a identidade étnica que os judeus encontraram em Israel hoje se reflete numa constante preocupação deles em relação a situação de bem estar do mesmo como estado. Israel, também, se preocupa com as comunidades judaicas da diáspora, auxiliando as instituições israelitas (escolas, clubes, federações...) que atuam para que as pessoas judias continuem a construir sua cultura e identidade no judaísmo. A postura solidária de um para com o outro, como observa Malamud (1983, p.203), é o que há décadas tem sustentado a cultura judaica dentro do contexto contemporâneo.

O desaparecimento das comunidades judaicas na dispersão e da cultura do judaísmo é um tema que está em voga em meio às instituições israelitas. A modo de manutenção do grupo carrega os resquícios do sionismo. Isto hoje se manifesta através de um sentimento de “israelismo”, visto que o foco não é mais necessariamente convencer a migração para Israel (*aliá*), mas sim estabelecer uma formação cultural na qual um judeu da diáspora crie identificações com Israel sentindo-a, também, como sua nação. Muitos judeus preferiram continuar vivendo na diáspora a migrar para Israel, mas, ainda assim, a existência daquela terra como referência continua servindo para que se identifiquem dentro de uma identidade judaica. Atualmente, há uma colaboração do Estado de Israel com instituições judaicas de diversas partes do mundo e vice-versa. Este aspecto faz com que a relação entre Israel e comunidades da diáspora funcione de forma mais articulada politicamente, tendo como função incentivar que os judeus busquem a preservação da

¹³Festa comemorativa do ano novo judaico. Literalmente significa “cabeça do ano”.

¹⁴Literalmente significa “movimento”. Mas, na linguagem das comunidades judaicas da diáspora, isto se refere aos movimentos juvenis judaicos.

¹⁵Monitor, instrutor, guia. Incumbidos de realizar as atividades para os jovens da *tnuá*.

¹⁶Educando. Os jovens aos quais são destinadas as atividades da *tnuá*.

¹⁷ Grupos de danças israelitas.



identidade étnico-cultural judaica. A dança israelita está imbricada nesta relação entre Israel e judeus da diáspora, contribuindo para o fortalecimento de uma identidade judaica. As comunidades judias espalhadas pelo mundo, percebendo este aspecto, corroboraram, e ainda corroboram, para a sua difusão.

Dança israelita: estreitando as relação entre Israel e judeus da diáspora

A migração massiva de judeus oriundos de diversos países¹⁸ a Israel (final do séc. XIX e durante o séc. XX), em muito incentivada pelo movimento sionista, marca a formação de uma pluralidade cultural neste país. Devido ao longo período da diáspora judaica, os grupos de pessoas judias que chegavam traziam consigo uma série de informações culturais advindas dos povos com os quais se assimilaram, na convivência e trocas de informações. A dança em Israel, desta maneira, terá como aspecto característico estilos respectivos a cada grupo imigrante, que, ao chegar ao território israelense passou a dialogar com este ambiente, gerando, assim, novas configurações que hoje se reconhecem como danças israelitas. Dentre os variados tipos de danças, provenientes da cultura migratória destes diversos grupos para Israel, temos a *hora israelita*, a *debka*, a *chassídica* e a *ieminita* como representativos estilos que se disseminaram e se popularizaram em meio ao público da dança israelita.

A *hora israelita* (o “h” neste caso não é mudo, mas contém uma pronúncia similar ao “r” da língua portuguesa), segundo Wilensky e Freinquel (2002, p.58), é derivada da *hora*, da Romênia, da *polka*, da Lituânia, da *krakoviak*, da Polônia, e da *circassiana*, do Cáucaso (na Rússia). A utilização da língua hebraica nas canções, a adaptação das informações destas diversas influências à realidade do ambiente de Israel em seus contextos geográfico, histórico e político propiciaram o desenvolvimento deste estilo de dança que, então, se tornou uma forte representação cultural deste novo estado.

A *debka* (cuja palavra significa *pisada, caminhada, pegada, passo...*) é uma dança de origem árabe e se caracteriza pelo movimento dos pés, que realizam pisadas fortes durante a sua execução (originalmente, era uma dança própria para homens. Hoje mulheres também a dançam). Conforme explica Wilensky e Freinquel (2002, p.35), os

¹⁸Destacam-se, no panorama deste contexto histórico, imigrações em Israel oriundas da Rússia, da Europa Central e Oriental e de países árabes.



passos da *debka* apresentam traços da cultura da maior parte do povo muçulmano, dado que muitas de suas sociedades carregam uma tradição agrícola nos seus modos de vida e costumes, mantendo, assim, um forte contato com a terra.

A dança *chassídica* (“ch”, neste caso, pronuncia-se com som de “r”), é uma expressão de dança trazida da Europa por judeus religiosos adeptos do movimento do *chassidismo*¹⁹. A dança *chassídica*, originalmente, é própria para ocasiões festivas, e homens dançam separados de mulheres. A ideia de devoção a Deus e alegria, característica da filosofia do grupo, está presente no ato desta dança. Hoje, em meio às coreografias de danças circulares israelitas (manifestação cultural da qual haverá uma abordagem mais à frente), há coreógrafos que elaboram danças inspiradas na cultura *chassídica*, mantendo muitos de seus aspectos característicos (como, por exemplo, a música e a ideia de devoção e alegria) e incluindo outros, como a não separação entre homens e mulheres.

A dança *Ieminita* é um tipo de dança trazida pelos judeus que vieram da região do Iêmen, que ficaram por mais de 1300 anos sob o domínio muçulmano. Em Israel, Sara Levi Tanai (1910-2005) teve uma importância significativa para a representação ieminita na região, pois ela criou o grupo de dança *Inbal*, que realizou importantes apresentações, que promoveram a popularidade da cultura ieminita em meio ao público israelense. Hoje já somam numerosas danças que coreógrafos israelenses elaboraram inspiradas na cultura deste povo.

O processo de desenvolvimento da dança israelita desencadeou-se de forma muito rápida, devido ao empenho de personalidades, que resolveram organizar procedimentos, que possibilitariam promover, desenvolver e disseminar a cultura de dança então presente no território de Israel. Dentre estas personalidades, podemos destacar Gurit Kadman como a principal ativista do movimento. Gert Kaufman, conhecida como Gurit Kadman

¹⁹O *chassidismo* (“ch”, neste caso, pronuncia-se com som de “r”) foi um movimento religioso que, no séc. XVIII, quando se iniciou, havia se espalhado pela região da Ucrânia, Polônia, Galícia e Lituânia. Ocorria, nestes lugares, no interior destas comunidades judaicas, discrepâncias socioeconômicas entre judeus de um mesmo grupo. Esta desigualdade social gerou uma cisão entre eles, dividindo-os em dois grupos: o dos eruditos, letrados e ricos e o dos analfabetos e pobres. O grupo de religiosos então era composto pelo grupo de melhor situação social, visto que, por terem um bom grau de instrução, obtinham mais facilmente acesso aos estudos religiosos e discussões filosófico-religiosas. Assim, Baal Shem Tov fundou o movimento *chassídico*, que defendia a possibilidade de um judeu alcançar sua elevação espiritual, mesmo sem a habilidade de leitura e estudo judaico-religioso. Considerava que era possível se conectar a Deus através da realização de rezas, com devoção, entusiasmo e pureza no coração. Este movimento introduziu a ideia de servir a Deus com regozijo e alegria, opondo-se ao luto excessivo que os religiosos judeus praticavam.



(em hebraico), era uma judia que nasceu na Alemanha, na cidade de Leipzig. É reconhecida por muitas pessoas como a “mãe da dança israelita”. Ela foi uma ativista, que atuou de diversas formas em prol da dança israelita. Além de ter organizado importantes festivais, que reuniam as variadas etnias em Israel, informações estas que fizeram dela uma personalidade conhecida na história da dança israelita, ela também atuou de diversas outras formas, em favor do desenvolvimento desta expressão cultural.

Dentre estas atuações, podemos destacar como principais realizações: os registros que ela fez, junto ao seu cameramen, dos tipos de danças dos diversos grupos étnicos (com os quais ela conviveu durante um tempo para fazer sua pesquisa) residentes em Israel; criou, em 1971, o “Projeto de Conservação de Danças Étnicas”; criou a comissão de *Rikudei-Am* (Tradução: dança do povo. Termo em hebraico utilizado para se referir às danças israelitas), que se tornou a organização responsável por todas as atividades referentes à dança israelita no país. Esta comissão se incorporou ao Departamento de Cultura da *Histradut* (Federação da União dos Trabalhadores de Israel), que passou a ser um órgão de grande apoio às ações pela dança israelita; disseminou, ainda, a dança israelita para fora de Israel, viajando e ministrando aulas em outros países; organizou cursos para a formação de professores nesta dança; estabeleceu terminologias para os passos e movimentos técnicos da dança israelita, a fim de facilitar a metodologia para os ensinamentos da mesma; escreveu, em 1968, o livro *Am Roked* (Povo que dança), e, em 1982, o livro *Rikud etni be Israel* (Danças étnicas em Israel), onde ela deixa por escrito os seus conhecimentos acerca deste tema.

Kadman, sendo uma estudiosa que valorizava culturas e danças folclóricas, atenta à pluralidade cultural existente em Israel, organizou um festival nacional, que reuniria as diversas expressões culturais de dança presentes neste território. Sendo assim, juntou um grupo de trinta pessoas que se distribuíram por todo território de Israel para fazer uma pesquisa sobre quais danças estavam acontecendo dentro daquela região. Desta maneira, colocou em contato os mais diversos grupos de imigrantes em Israel através do Primeiro Encontro Nacional de *Rikudei am* (dança do povo), em 1944, nomeado como Festival Dália (escolha do nome que referencia o local da apresentação: *kibutz* Dália). Este encontro reuniu pessoas de todas as regiões do país, que foram com suas barracas, comidas e bandeiras, passando assim dois dias e duas noites com músicas e danças.



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

O êxito deste festival estimulou a que outras edições do mesmo acontecessem posteriormente. Estes eventos, além de tornar estes diversos grupos de imigrantes mais familiarizados entre si, foram espaços para exposição das novas formas de danças israelitas que estavam surgindo. Formas estas que já seriam o diálogo das danças destes respectivos grupos com o novo ambiente no qual eles estavam habitando (apontando, assim, para os “germes” que culminariam numa expressão de dança própria de Israel).

Podemos destacar aqui outros nomes que, juntamente com Gurit Kadman, contribuíram para o desenvolvimento da dança israelita, tais como Tirza Hodes, Rivka Shturman, Moshe Itzrak Halevy (Moshiko), Yoav Ashriel, Yaacov Levy e outros.

A atuação conjunta deste grupo promoveu um rápido desenvolvimento da dança israelita, principalmente depois de terem criado o Departamento de *Rikudei-Am*, que, apoiado pela *Histadrut* (Federação da União dos Trabalhadores em Israel), passou a ser o responsável por todas as ações referentes a esta dança no país. A fim de que a dança israelita se desenvolvesse como expressão representativa da cultura de Israel, um Estado, até então, recém-construído, diversas medidas foram tomadas por este grupo através deste órgão, tais como: realização dos festivais *Dália*; organização de cursos e seminários para a formação de professores em dança israelita; publicação de revistas acerca deste assunto; transmissão por rádio de eventos de dança israelita; concursos para desenhos de figurinos; e outras ações que possibilitaram o fortalecimento de uma expressão cultural de dança em Israel.

A dança israelita, neste processo de solidificação como expressão cultural de Israel, passou a ter um significativo crescimento do número de adeptos. Sua popularização e divulgação se deram em muito através da *harkadá*, comumente conhecida como eventos de danças circulares israelitas (muitas pessoas entendem *harkadá* como bailes de danças circulares israelitas. Porém, há também em uma *harkadá* a presença de danças executadas em fileiras).

O aspecto de se dançar em roda, segundo Wilensky e Freinquel (2002), vem da *Hora Israelita*, um estilo de dança, conforme já exposto, derivado das informações de danças folclóricas da Romênia, Lituânia, Polônia e Rússia. Segundo as autoras, esta dança se tornou uma expressão nacional de Israel, que, emergida na época da independência deste estado, dialogava com este ambiente, sendo realizadas a partir de canções na língua hebraica e apresentando influências da paisagem local e do contexto sócio-político de lá.



Assim como Gurit Kadman almejava, “dançar em língua hebraica, dançar nossas próprias danças” era um sentimento de desejo da nova sociedade, que estava se constituindo em Israel. Era, então, um novo estilo de dança que se desenvolvia. Uma expressão autóctone de Israel. Quanto a isso, Wilensky e Freinquel (2002, p.58. Tradução minha) colocam:

Aqui não falamos de uma etnia ou minoria, mas de uma dança nacional, de um estilo de dança de um país que emergiu em 1948 e que foi adaptada pelos jovens colonos. [...]. Este estilo surgiu como uma necessidade de cortar os laços com a diáspora, onde os novos imigrantes que chegavam ao país antes e depois da criação do Estado se uniam com um objetivo comum: criar uma nova sociedade. [...] apesar da diversidade de origens dos imigrantes, existia a dança como forma de igualar, de “encontrar-se” em um mesmo *maagal* (círculo) com um código comum, com um idioma comum, com uma força especial”.²⁰

Este tipo de dança desenvolveu-se no ambiente dos *kibutzim* (como já citado, assentamentos rurais judaicos, sionistas e socialistas, que tinham como estrutura funcional o trabalho cooperativo entre os integrantes, que viviam em formas de comunidades), portanto o jeito de dançar em roda, de mãos e/ou braços dados, expressava o sentimento de união e vínculo entre os membros da comunidade. Durante o período de construção do Estado de Israel, este ideário de força coletiva movia, em muito, o modo de comportamento social dos jovens colonos.

Começa a haver, rapidamente, logo após a virada da segunda metade do séc.XX, um fortalecimento do movimento de danças circulares israelitas, através da produção de coreografias elaboradas por pessoas envolvidas com a construção de uma expressão de dança autêntica de Israel. A difusão desta manifestação cultural deu-se, bastante, através dos cursos promovidos pelo Departamento de *Rikudei-Am*, que formavam pessoas que passaram a trabalhar na área como professores e coreógrafos. A publicação de revistas com ensinamentos de algumas coreografias, como a *Habanirkoda*, publicada, em cinco edições, por Gurit Kadman, foi de extrema importância para a difusão e o ensino desta nova expressão de dança. A dança israelita, sendo uma expressão recente, não continha terminologias para os passos, aspecto este que não tornaria possível ensinar esta dança através de uma revista. Gurit Kadman, auxiliada por pessoas estudiosas

²⁰ *Aquí no hablamos de una etnia o minoria, sino de la danza nacional, de un estilo de baile de un país que emergió en 1948 y que fue adoptada por los jóvenes colonos. [...]. Este estilo surgió como una necesidad de cortar lazos con la diáspora, donde los nuevos inmigrantes que llegaban al país antes y después de la creación del Estado, se unían con un objetivo común: crear una nueva sociedad. [...] apesar de la diversidad de orígenes de los inmigrantes, existía la danza como forma de igualar, de “encontrarse” en un mismo maagal con un código común con un idioma común, con una fuerza especial.*



de movimentos e da língua hebraica, buscou solucionar este problema, que dificultava o ensinamento da dança israelita, através da formulação de uma terminologia para os movimentos desta dança. *Habanirkoda* (cuja tradução é “vamos dançar”) começou a ser publicada em 1949 e durante oito anos saíram um total de cinco revistas que continham, em cada uma, dez danças com ensinamentos, notações musicais e as letras das canções. Isso possibilitou o desenvolvimento e a difusão da dança israelita, pois pessoas passaram a ministrar aulas destas danças circulares israelitas tanto em Israel quanto em outros países.

Já havendo, assim, um repertório numeroso de coreografias israelitas em roda, o Departamento de *Rikudei Am* passou a promover bailes nos quais seriam tocadas as músicas das danças, então, criadas. A transmissão por rádio destes eventos foi um artifício que o Departamento de *Rikudei Am* adotou para divulgar esta nova manifestação cultural que se desenvolvia. Foi definido para a denominação destes bailes o termo *harkadá*, e para as danças que a compõem, passou-se a utilizar os termos *rikudei am* (dança do povo), ou, também, *rikud* (dança) e *rikudim* (danças). São terminologias (hebraicas) hoje comumente utilizadas por pessoas frequentadoras de *harkadot* (*ot* é um sufixo que denomina plural feminino, na língua hebraica) das mais diversas partes do mundo, o que facilita um sistema de comunicação entre elas.

Mesmo que o movimento de danças circulares israelitas tenha surgido a partir da *hora israelita*, ao se ampliar o repertório de danças para *harkadá* (que hoje já não é mais composta apenas por danças circulares, mas também em fileiras), os coreógrafos passaram a incluir os outros estilos de dança respectivos aos grupos imigrantes, que também constituíam o ambiente cultural de Israel. Estes tipos de danças (cujos estilos antes eram próprios da cultura de cada grupo imigrante), quando inseridas no repertório da *harkadá* (através de coreógrafos que resolveram explorar e investir nestes estilos) passaram a apresentar novas configurações, resultantes do diálogo e interação cultural entre povos e as circunstâncias dos novos contextos nos quais os mesmos estavam vivendo. Assim, estas danças passaram a se apresentar também como danças típicas de uma expressão cultural própria de Israel. São hoje vistas não mais somente como danças respectivas dos povos que compuseram o novo estado, mas sim como integrantes dos variados estilos de dança hoje reconhecidos como dança israelita.



Não tardou muito, e a popularidade do *harkadá* alcançou as comunidades judaicas que viviam em outros países, na diáspora. Muitas delas foram atraídas por esta manifestação cultural, pois sentiram que apontava para a possibilidade de ser mais um norte para a referência étnico-judaica dos judeus assimilados e que também seria mais um motivo para que pessoas de um mesmo grupo judaico se encontrassem e confraternizassem juntas (afinal, esta manifestação cultural só acontece na presença de um grupo, o que proporciona um sentimento de coletividade e união). Já tendo o movimento sionista fortalecido o elo entre judeus e Israel, a dança israelita serviu como mais um artifício para que pessoas judias conhecessem mais a cultura de lá, vivenciando-a e sentindo-se, assim, mais próximas de sua identidade judaica. Isto propiciou a ação de líderes comunitários e de instituições israelitas responsáveis pelas atividades destinadas às suas comunidades judaicas.

Em muitos lugares as instituições judaicas responsáveis por suas comunidades, a fim de que a dança israelita se tornasse uma prática destes grupos de judeus, passaram a realizar investimentos para trazer professores de Israel para que eles ensinassem as danças de lá e as coreografias que estavam sendo criadas. Gurit Kadman, Tirza Hodes, Rivka Shturman e Moshe Itzrak Halevy, por exemplo, atuaram bastante fora de Israel, dando aulas e difundindo a dança israelita por diversos países. Além destes nomes de referência, um numeroso grupo de pessoas começou a se formar nos cursos para a formação de professores em dança israelita, passando, assim, a atuar na área dando aulas fora de Israel. Em alguns casos, eram judeus de fora de Israel, que viajavam para lá para estudar nestes cursos e adquirir formação em dança israelita para poder trabalhar com a comunidade judaica de sua região.

Outra forma também como ocorreu a disseminação da dança israelita por entre as comunidades judaicas da diáspora, foi através da atuação de judeus não israelenses que movimentaram a cultura desta dança em países diferentes dos seus, como é o caso, segundo o relato de Wilensky e Freinquel (2002), da norte-americana Carole Iaffa, que introduziu na Argentina esta expressão cultural no meio daquele grupo judaico. Carole Rayewsky (Carole Iaffa foi seu nome adotado depois do casamento), filha de família judia da Turquia, nasceu em 1942 no bairro judeu de Manhattan (EUA). Chegou à Argentina em 1974, vindo com Máximo Iaffa, com quem se casou. Em 1975, foi contratada pela Sociedade Hebraica Argentina para dar aulas de dança israelita. Atuou por lá juntamente



com a israelense Guiora Kodman, criando a cultura de *harkadá* na Argentina e dirigindo grupos de dança israelita para se apresentar em eventos judaicos. *Darkeinu* é um dos grupos que ela fundou e que até hoje existe.

Ensinaamentos de coreografias de *rikudei am* começaram a se difundir pelas comunidades judaicas da diáspora e, com o tempo, judeus das diversas partes do mundo dançavam, cada qual em sua região, *harkadot* compostas pelas mesmas músicas e coreografias. Esta é uma característica marcante que torna a *harkadá* um fenômeno cultural, que propicia o sentimento de identificação entre judeus do mundo todo. Hoje um judeu de uma determinada comunidade judaica, ao aprender uma coreografia de *harkadá*, pode tranquilamente dançá-la em qualquer *harkadá* de qualquer parte do mundo (por exemplo, um judeu do Rio de Janeiro poderia participar sem problemas de uma *harkadá* em São Paulo, ou Nova York, Londres, Tel Aviv...).

O ensinamento destas coreografias passou a acontecer bastante (em diferentes momentos, em distintas regiões) em meio às diversas comunidades judaicas da diáspora através de seminários, congressos e festivais de dança israelita que as mesmas promoviam, aspecto este que se tornou um facilitador para o aprendizado de coreografias de *harkadá* (cujo repertório cresce todo ano com a criação de novos *rikudim*).

Hoje, com o incremento das tecnologias, o acesso ao aprendizado das coreografias de *harkadá* ficou ainda mais fácil, dado que pode ser oferecido através de mídias digitais (DVD's e *pen-drives*, por exemplo) e de portais na internet (*youtube* e *blogs*). Encontram-se, por meio destes veículos, ensinamentos advindos das mais diversas nacionalidades sobre uma mesma coreografia de *harkadá*.

É importante salientar que a efervescência da dança israelita em Israel e em várias comunidades judaicas do mundo culminou, não só no crescimento e desenvolvimento da cultura de *harkadá*, mas, também, na cultura de *lehakat* (grupos estruturados que têm como propósito apresentarem cenicamente coreografias de dança israelita). No Brasil, por exemplo, há hoje uma forte cultura de grupos de dança israelita (*lehakat*), principalmente nas regiões sudeste e sul. Esses grupos de dança israelita, em geral, estão vinculados a instituições judaicas, como escolas, movimentos juvenis e clubes. As instituições judaicas reconhecem a eficácia que é a dança israelita para a educação de uma pessoa judia dentro da cultura judaica, visto que aquele que quiser praticar a dança israelita passará a frequentar estes lugares (ambientes que proporcionam encontros entre pessoas de uma



comunidade judaica e que promove eventos relacionados à cultura do judaísmo). Músicas e palavras em hebraico passarão a se fazer, de alguma forma, presente na vida desta pessoa. Esta vivência a aproximará da cultura de Israel e facilitará suas identificações para com o judaísmo.

Esses grupos de dança, geralmente, funcionam através de um sistema regular de ensaios, que tem, na maioria das vezes, o objetivo de se apresentarem em festivais de dança israelita. Desta maneira, a ideia do compromisso com algo da cultura judaica passa a compor o cotidiano desta pessoa. Os festivais de dança israelita do Brasil, principalmente o *Carmel*, de São Paulo, o *Hava Netze Bemachol*, do Rio de Janeiro, e o *Choref*, de Porto Alegre, são considerados os maiores eventos (os que comportam a maior quantidade de pessoas) que acontecem dentro do ambiente destas comunidades judaicas, realizando um intercâmbio entre diferentes estados e países (no festival *Carmel*, por exemplo, há grupos do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Curitiba, Argentina e, nos últimos anos, até mesmo de Israel). Em Israel há o *Carmiel*, um grandioso festival de dança israelita (o maior que há), onde muitas *lehakot* de vários lugares do mundo se apresentam. Além de festivais, muitas *lehakot* atuam se apresentando em outras ocasiões festivas e, também, realizando espetáculos próprios.

A dança israelita é um fenômeno cultural que para se proliferar depende(u) da atuação colaborativa entre pessoas das mais distintas regiões. Historicamente, podemos identificar nesta situação aspectos advindos do ideal sionista, que visava uma rede solidária entre as mais diversas populações judias da diáspora, que se uniam por uma causa: construir um Estado judaico, Israel. Ideário que visava garantir a sobrevivência do povo judeu e de sua cultura. No caso da dança israelita, através deste intercâmbio de comunicação entre comunidades judaicas dos mais variados lugares, podemos reconhecer ainda este ideal, visto que a associação entre o estado de Israel e judaísmo é hoje o maior ponto de referência para que um judeu se sinta pertencente a esta identidade étnico-cultural.

Conclusão

Ainda que a representação de Israel e sua importância primeira tenham surgido da referência histórico-religiosa da *Torah* (lei e doutrina judaica contidas no Pentateuco),



que sustentou durante muito tempo os judeus quanto um grupo com sua identidade étnica própria, a relação entre judeus e Israel adquiriu novo sentido desde o surgimento do movimento sionista, no final do século XIX. O autorreconhecimento identitário entre judeus da diáspora passou a acontecer de forma maior na relação com a ideia de identidade nacional, do que identidade religiosa.

A dança israelita, que carrega informações culturais relativas ao território do estado de Israel, é atualmente uma forte referência para a identificação étnica judaica para muitos judeus da diáspora. É uma expressão cultural que se disseminou por diversos países, se tornando um dos elementos característicos dos hábitos socioculturais de muitas comunidades judaicas da diáspora.

Referências bibliográficas

GILBERT, Martin. **História de Israel**. São Paulo: Edições 70, 2010.

HEMSI, Sylvana. **Identidade judaica: significados e pertinência** – um estudo sobre jovens judeus liberais. 2002. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) – Departamento de Línguas Orientais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2002. 248f

KLATZKIN, Iaacov. A diáspora não é permanente. **Fontes do pensamento judeu contemporâneo**. Jerusalém: Departamento de Educação e Cultura na Diáspora, 1970.

MALAMUD, Samuel. Os judeus na dispersão e o Estado de Israel. In: **Do arquivo e da memória**. Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

ORTIZ, Renato. **Modernidade: mundo e identidades (3)**. São Paulo: Olho D'água, 1996.

SACHAR, Howard M. Da ascensão do sionismo ao nosso tempo. In: **História de Israel II**. Rio de Janeiro: Kroogan, 1989.

SAPOLNIK, Jayme. Israel e a diáspora. **Herança Judaica: revista do pensamento judaico contemporâneo**, São Paulo: B'nai B'rith, v.1, n.1, 1969.

WILENSKY, Gabriela; FREINQUEL, Paola. **Danzas folklóricas israelies: la experiencia argentina**. Buenos Aires: Milá, 2002.